

**I CONASCO -Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção
em contextos contemporâneos.**

23 a 25 de Setembro de 2015.

UFES, Vitória/ES.

A imigração italiana em Buenos Aires no período 1880-1890

Autor: Danilo Milev.

Centro Universitário Fundação Santo André.

A imigração italiana em Buenos Aires no período 1880-1890.

Resumo: O trabalho busca dar uma descrição de como deu-se o processo imigratório dos italianos em Buenos Aires nesse período, suas influências culturais e sociais para a sociedade portenha, e, assim, entender o modo de vida em que esses imigrantes estavam submetidos no período de maior recepção de imigrantes italianos na Argentina, concentrando-se na cidade de Buenos Aires.

Palavras Chave: Imigração; Italianos; Buenos Aires.

1. O processo imigratório

Embora houvesse registros de uma recepção italiana na cidade de Buenos Aires desde o período colonial, por volta de 1753 com Domenico Belgrano, é no século XIX que essa imigração vai aos poucos se acentuando, sendo que, nesse momento, a decisão de emigrar nesse período estava atrelada com o número de pessoas na família com capacidade de trabalho e com a quantidade de recursos que esse grupo familiar, além do conhecimento de oportunidades no exterior, nos Estados Unidos, Brasil ou Argentina, porém, a opção por emigrar relacionava-se, também, com a percepção que a vida naqueles diversos estados independentes, na Ligúria, ou em Gênova, por exemplo, não oferecia oportunidades suficientes para a população. E, após a unificação italiana em 1870, essa consciência

ficará ainda mais nítida. Entretanto, o auge da chegada desses italianos¹ foi durante o período entre 1880 e 1890, sendo que após esse período, há uma relativa mudança do principal destino dessa população, deslocando-se para outros países como Brasil e Estados Unidos, por mais que ainda existissem registros de imigrantes chegando a Buenos Aires através do *'Hotel de los Inmigrantes'* conforme densamente escrito por DEVOTO (2008). Esse auge é motivado, em primeiro lugar, por uma grave crise agrícola que atingiu a Itália nesse período, e uma vez que ela estava fortemente dependente dessa forma de produção, a população acabou sendo gravemente atingida, sofrendo, sobretudo, com a fome, vivendo, em sua grande maioria, na mais completa miséria, sendo que o próprio Estado italiano acabou por muito tempo, estimulando a saída desses indivíduos do país, até como uma forma de tentar superar a crise econômica existente.

O Estado argentino, por sua vez, também estimulava por sua vez a recepção de imigrantes, como uma forma de desenvolver o país política, cultural e até moralmente, pois, diz Domingo Sarmiento, político argentino:

“(…) pero el elemento principal de orden y moralización que la República Argentina cuenta hoy, es la inmigración europea, que de suyo, y en despecho de la falta de seguridad que le ofrece, se agolpa, de día en día, en el Plata (...)”
(In. DONGHI, 1996, p. 5)

Ainda sobre o que determinadas figuras políticas opinavam sobre o processo imigratório é válida também a posição de José Hernandez, jornalista e militar argentino a respeito desse assunto:

“El inmigrante que desembarca en nuestras capitales, se encuentra enfrente del desierto, sin medios de trabajar, porque la campaña amenazada aleja los capitales. La ciudad Le ofrece la subsistencia, y trata de amoldarse a una vida las más veces inútil y ociosa. ¿Quiere decírsenos qué ventaja se recoge de la inmigración en esas condiciones? ” (In. DONGHI, 1996, p.296)

Além disso, o grande número de mortos nos diversos conflitos em que a Argentina envolveu-se internacionalmente, como a Guerra do Paraguai, assim como os diversos

¹ Não podemos esquecer-nos da unificação tardia da Itália, portanto, muitas vezes o que chamamos de italianos, ainda mais no século XIX na verdade, eram grupos de imigrantes de distintas regiões, do que, após meados do século XIX viria a ser a Itália.

conflitos internos, abriu vagas no mercado de trabalho para os estrangeiros, pois, além de não poderem se alistar, e, portanto, era algo mais 'seguro' para os capitalistas, não poderiam exercer direitos políticos, o que era mais uma garantia de uma vida estável para os interesses dos grupos políticos dominantes, principalmente os grandes fazendeiros.

Tudo isso já revela a visão de missão civilizadora que a imigração possuía entre os políticos, embora ressalta-se que esse texto de autoria de Sarmiento, data de 1845, bem antes de ele ter promulgado a Lei de Educação Comum (1884) e ter tido certos atritos por conta disso com os imigrantes, especialmente os italianos.

Esses conflitos deviam, sobretudo, à questão da educação, uma vez que os italianos, ou os diversos grupos de italianos, oriundos das diferentes regiões, tinham relativa dificuldade para integrar-se à sociedade portenha, além disso, tinha a questão de classe, uma vez que, por mais que haja relatos de italianos que obtiveram sucesso econômico na Argentina, e até formaram grupos voltados para essa elite comunitária como o *Circolo Italiano* (DEVOTO, 2008) (SMOLENSKY, 2013), a maioria dos italianos chegavam ao porto de Buenos Aires em péssimas condições, não falando o espanhol, o que significa uma imensa dificuldade em integrar-se à cultura local, que valorizava especialmente a cultura francesa.

Voltando a Hernandez, ele via como necessário o atendimento a outros quesitos por parte do Estado antes que cogitasse-se um estímulo a um processo imigratório. Isso está atrelado ao fato de que em termos quantitativos, Buenos Aires é o clássico exemplo na América Latina, de um aumento rápido no número de imigrantes, pois, enquanto que em 1869 havia 44 mil imigrantes italianos na cidade de Buenos Aires, em 1887 esse número chegou a 433 mil, o equivalente a 31% de toda a população imigrante, portanto, a década de 1880 é o período de um grande fluxo de imigrações, que se devia tanto ao conflito político ainda existente na Itália por conta da unificação italiana, sendo que muitos imigraram por conta de perseguições políticas, quanto a uma grave crise agrícola que a Itália estava passando, pois, vale lembrar, que diferente da Inglaterra, por exemplo, a Itália ainda era um país com sua base econômica centrada na agricultura, sendo a indústria quase ou totalmente inexistente naquele país, e as indústrias que existiam estavam concentradas no norte da Itália.

Outro pensador, Nicasio Oroño tratou a imigração como:

“(…) una de las vitales necesidades de nuestro país; y si en América, según la expresión de un publicista argentino, “gobernar es poblar”, qué medio más

eficaz para llamar a las ciencias, a las artes, al comercio y a todos los conocimientos del exterior a fijar su asiento en esta tierra (...)" (DONGHI, 1996, p. 399)

Portanto, o estímulo à recepção de imigrantes atendeu a interesses políticos, econômicos e sociais dos argentinos, sobretudo referente à povoação de terras indígenas ao sul da Argentina e que foram tomadas pelo governo de Julio Argentino Roca já no final do século XIX, e que teve como característica fundamental, assim como de várias outras conquistas terras indígenas, o extermínio dessa população em nome do desenvolvimento econômico e da adequação de todos os argentinos a um certo padrão de comportamento social, distante da “barbárie” na qual as elites achavam que os indígenas viviam.

As características básicas da imigração italiana

A característica básica da imigração no período entre 1880-1890 foi a dos imigrantes serem originários, principalmente da Ligúria, Piemonte e Lombardia, embora existissem grupos da região meridional.

Herbert Klein (1989, p. 95-117) em seu artigo sobre a integração dos italianos no Brasil, Argentina e Estados Unidos aponta diferenças significativas em relação a esses imigrantes originários do *mezzogiorno*², que variavam de 80 por cento nos Estados Unidos, 47% na Argentina e 43% no Brasil, embora ele aponte que não havia diferenças significativas entre essas duas regiões, só havendo uma distinção em categorias como mortalidade – infantil ou adulta- ou altura, uma vez que a região meridional italiana era mais pobre economicamente, isso acarretava maiores índices de desnutrição ou insuficiência no que refere-se a vitaminas ou vacinação, por exemplo.

Esses italianos, quando chegavam ao Rio de La Plata, tinham duas possibilidades: Se ainda não tivessem um local de trabalho claramente definido poderiam alojar-se no Hotel dos Imigrantes, por 2 ou 3 dias, até encontrarem uma oferta de trabalho em alguma fazenda. Ou então, e era isso que a maioria fazia, conforme apontado por Sarramone, eles iam direto para as fazendas no interior da Argentina. Houve também os que ficaram na cidade de Buenos Aires, e, portanto, foram tentar a sorte no comércio, uma vez que o processo de urbanização ali já estava desenvolvendo-se.

²Refere-se à região sul da Itália, que possui índices socioeconômicos, em sua maioria, menores ao da região Norte, mais industrializada.

Ainda sobre o processo de integração dos italianos, eles foram junto com os espanhóis, os dois maiores grupos de imigrantes para aquela região, entretanto, de acordo com José C. Moya, por algum tempo depois da Independência argentina em 1816, imigrantes espanhóis eram hostilizados pela população nativa e o governo, portanto, estimulava imigrações de outras regiões, com isso, diz Klein:

“Puderam estabelecer normas de integração dos imigrantes. Eles tanto predominavam no grupo de pessoas nascidas no exterior, como constituíam uma minoria substancial da população total (representavam 39% dos nascidos no exterior e 12% da população total em 1914. Finalmente, eles estavam concentrados na região costeira, que era o centro tanto da agricultura comercial, como de toda a atividade industrial” (KLEIN, 1989, p.101)

Em relação ao estímulo à imigração comandado pelo Estado argentino, Camila Bueno Grejo (GREJO, 2009.) , a partir da tentativa de se analisar o pensamento de José Ingenieros, sociólogo que contribuiu para o desenvolvimento da Criminologia na Argentina, o de Carlos Octavio Bunge e o pensamento racial na Argentina, diz que, já desde o período após a independência argentina, havia o desejo das elites de se estimular a imigração para que o país se tornasse civilizado, ou seja, o ideal de nação argentina que essas elites tinham era baseado nas nações europeias, ou seja, França e Inglaterra discriminando, por outro lado, indígenas e gaúchos, vistos então como verdadeiros ignorantes sem cultura.

Esse significado de cultura, mesmo que levasse em conta apenas os aspectos materiais dessa cultura, estava ligada com uma visão de um ideal civilizatório, ou seja, aproximando-se do significado francês de cultura que valorizava elementos mais artísticos e clássicos, como por exemplo, a música clássica e a literatura, considerando todos os que não possuísem aquela determinada forma de cultura como ignorantes e selvagens³.

Além de serem vistos como meios para civilizar o país, Grejo coloca que a elite intelectual argentina os via como aqueles que ajudariam o país a progredir materialmente, assim como a expandir a ‘raça’ branca, conforme Grejo vai detalhar melhor ao tratar de como essa ideia

³Vale lembrar que nesse período, final do século XIX e primeiras décadas do século XX, teorias evolucionistas na Antropologia, bem como o darwinismo social.

de superioridade étnica aparecerá nos textos de Burge e Ingenieros, porém mais tarde, essa imigração passará a ser vista como algo nem tão bom para os interesses das classes dominantes, pois, começa a entrar no país seguidores de ideologias políticas como o Anarquismo e o Comunismo, e isso culminará com a promulgação de uma ‘*Ley de Residencia*’, já no início do século XX, que estivesse envolvido em lutas sociais, seria deportado sem direito a julgamento.

Estavam, porém, envolvidas outras questões nessa representação dos italianos como uma ameaça, a primeira diz respeito ao enorme número de imigrantes que chegavam a Buenos Aires, as outras referem-se ao fato de alguns deles não estarem dispostos a aprenderem a língua espanhola, portanto, falando só o italiano e comemorando as suas próprias datas nacionais, construindo suas instituições sociais.

A segunda questão refere-se ao fato de que houve uma modificação no perfil “profissional” dos imigrantes recém-chegados, que, de agricultores, jornaleiros e artesãos, as três principais profissões exercidas pelos imigrantes, foram dando lugar, no século XX, por “*contingentes sin ocupación (entre 10 y 15% de La población mayor de 16 años.*”) (SARRAMONE, 2010, p.76) e não tendo quaisquer identificação com o nacionalismo argentino.

E diz Grejo:

“(…) a essa delicada situação, nos últimos anos da década de 1880, Como resposta o governo argentino tomou algumas medidas focadas na questão nacional como a Lei Territorial (que transformava os filhos dos imigrantes em legalmente argentinos), a afirmação da língua e dos costumes nacionais, o ensino da história argentina e a adesão manifesta à pátria.” (GREJO, 2009, p.81)

É devido a isso que surgirá um conflito de interesses entre os italianos e o governo de Domingo Sarmiento, que não era necessariamente um crítico do processo de imigração, porém entendia que os imigrantes deveriam assimilar-se à cultura argentina.

Esse conflito agravou-se com a promulgação da Ley de Educación Común, de 1884, onde as escolas públicas passaram a serem obrigadas a ensinar um currículo mínimo, inclusive história e geografia nacionais, visando formar cidadãos patriotas, o que não era do interesse dos imigrantes, afinal havia o desejo deles em retornarem à sua terra natal com

uma situação de vida melhor do que a que tinham quando saíram, e se eles almejavam um retorno, não viam sentido em assumir uma identidade de uma terra e de uma cultura que não era a sua, ainda mais levando-se em conta que esses grupos imigraram por motivos mais fortes do que uma mera vontade pessoal, mas fatores econômicos e políticos.

Sobre isso diz Sarramone:

“Los abuelos, cuando se fueron de Italia no tenían aún una patria y una lengua nacionales. El proceso de unificación apenas había comenzado. (...) Los italianos vinieron a hacer en nuestra tierra aquella revolución que no habían podido hacer en Italia, ni vivir en la península o sus hermosas islas”
(SARRAMONE, 2010, p.116)

Além disso, mesmo os que ficaram, entendiam que era necessária uma preservação das origens, seja no interior da família ou dentro da comunidade.

Esses elementos, contanto, não implicam em uma neutralidade desses italianos no que diz respeito à sociedade argentina ou portenha, isto é, não significa que a eles pouco importassem o que acontecessem naquele território, a respeito disso, embora em um período anterior, Smolensky coloca: *“Mitre asumió El mando Del ejército Del Estado de Buenos Aires y los italianos se dispusieron a colaborar en lo fáctico y en lo simbólico.”* (SMOLENSKY, 2010, p.170).

Alguns elementos de influência italiana e da vida cotidiana em Buenos Aires

Carretero (CARRETERO, 2013) diz que, no ano de 1890, a cidade portenha já estava se modificando, passando a ser cada vez mais uma cidade cosmopolita, justamente pela influência dos diversos grupos imigratórios. Diz ele: *“Así también, las diferentes etnias se fueron agrupando en distintos Barrios, entre los que sobresalía La Boca, por la concentración de italianos en general y de genoveses en especial”*. (CARRETERO, 2013, p. 19)

Outra consequência da imigração, de acordo com Carretero, foi o aumento nos preços dos terrenos, e, portanto, dos imóveis, de acordo com a sua localização na cidade. Se por um lado, inúmeros descendentes de italianos entraram para a política portenha ou argentina, como Carlos Pellegrini, Manuel Belgrano ou Juan Domingo Peron (conforme

SARRAMONE,2010, p. 106) , eles influenciaram também a arquitetura dos prédios públicos como a frente da Casa de Governo e do Palácio do Congresso.

A influência da comunidade italiana que foi umas das principais contribuições culturais - na Argentina, mas também no Brasil e nos Estados Unidos- foi a culinária, havendo então a incorporação pelos portenhos dessa culinária para além da tradicional carne, tão consumida pelos argentinos. Além das massas, que são os pratos mais frequentemente lembrados quando se fala em Itália, o azeite de oliva e vegetais são também elementos que foram agregados na gastronomia argentina por influencia dos imigrantes. A pizza, por exemplo, teria virado quase como um sinônimo do bairro de “La Boca”, conforme Carretero (CARRETERO, 2013, p. 67).

Ao mesmo tempo, contribuíram para a formação do lunfardo, gíria portenha que mescla o espanhol com dialetos italianos e que até hoje é falado em Buenos Aires, existindo, inclusive, estudiosos do lunfardo, tamanha a sua força.

No que diz respeito à moradia dos imigrantes, Carretero coloca que havia três tipos de moradia em que havia um número considerável de imigrantes, embora não apenas italianos: “a casa por etapas” e a casa “chorizo” (CARRETERO, 2013, p.82)

A casa por etapas era constituída por *“un jardín al frente, un pasillo largo que llegaba hasta El final Del terreno y que remataba en una quinta o en un gallinero”* (CARRETERO, 2013, p. 81). A casa “chorizo” por sua vez, era uma série de quartos com banheiro, e ao final do corredor, ficava a cozinha. O terceiro seria os “conventillos”, que originaram-se em uma época de escassez de moradias em Buenos Aires, e portanto, não diferentemente da casa por etapas e da casa “chorizo” possuíam uma estrutura bem precária. Os conventillos, já no início do século XX, seria local de diversas manifestações por parte dos inquilinos motivados por uma alta excessiva nos alugueis, sendo que as estruturas dessas habitações continuavam ruins, e se por um lado, não eram unicamente os imigrantes italianos que residiam nesses tipos de moradia, eles acabaram tendo um papel importante na tentativa de combate ao arbítrio dos donos dos móveis, porém, foram reprimidos fortemente pelo Estado, que além da repreensão através da força policial, aprovaram leis que previa expulsar do país aqueles imigrantes que, de alguma forma, ameaçassem a ordem pública.

Referente à vida política, ainda que os italianos, sobretudo os de classe mais baixa, mantivessem certo grau de preservação cultural, comemorando inclusive as datas patrióticas italianas, como o 4 de Novembro ou sobretudo, o 20 de Setembro⁴, ou mesmo acontecimentos políticos italianos importantes como a morte de Giuseppe Garibaldi e a proclamação da república italiana, já no século XX, e relembando sempre a sua pátria ou o seu *paese*, levando boa parte do grupo de imigrantes às ruas, e fazendo também essas recordações também através de diversos jornais produzidos por eles, Smolensky coloca que eles tiveram uma considerável intervenção na questão da capitalização de Buenos Aires e a própria modernização da cidade, já no fim do século XIX.

Temos acima um exemplo do que Braga (2009, PP.76-77) tratou a respeito das imigrações dos italianos aqui no Brasil: a identidade italiana foi moldada principalmente fora da Itália, ou seja, na diáspora (Argentina, Brasil, Estados Unidos, etc.), e pelo fato de existirem diversos grupos dentro da denominada comunidade italiana, havia também uma ausência de símbolos e ritos coesos na comunidade italiana, que permitissem identificá-los como italianos, como membros de um Estado-nação e não de uma região específica. É, entretanto, com a imigração, que se formará essa identidade de italianos, na qual, eles mesmos se reconhecerão como pertencentes à Itália, e os outros também o reconhecerão como ‘portadores’ dessa identidade.

Em relação a esses grupos, além do fato de serem de regiões extremamente distintas, como Ligúria, Piemonte e Calábria, e, portanto, com valores e culturas relativamente distintas, havia uma oposição entre uma maioria analfabeta e sem ter praticamente o que comer originários das mais diferentes regiões da recém-unificada Itália, em oposição a uma elite que conseguiu ter acesso ao poder político em Buenos Aires e maior facilidade de integrar-se à sociedade argentina, diferente da classe batalhadora que, por um lado, necessita trabalhar duramente nas indústrias ou no comércio e que por outro lado, buscava a preservação e transmissão de valores trazidos da terra natal.

Ressalta-se, no entanto, que nem todos os membros de imigrantes eram pobres e moravam nos *conventillos* ou nas *casas chorizo*, havia uma elite italiana, sobretudo de industriais, que moravam nas regiões ao norte da cidade de Buenos Aires. Contribuiu para isso

⁴O 4 de Novembro refere-se ao final da 1ª Guerra Mundial e o 20 de Setembro, diz respeito quando os italianos reconquistaram Roma, tomada pelos franceses, com a liderança militar de Giuseppe Garibaldi, conforme Sarramone, p. 209

também o fato de existir agrupamentos dos imigrantes nos bairros de acordo com a origem regional, entretanto não havendo a formação de guetos como foi o caso da *Little Italy*, nos Estados Unidos, embora, a integração de imigrantes originários da mesma região de um país fosse facilitada (SMOLENSKY, p.377.).

A própria chegada dos imigrantes desse período em Buenos Aires foi movimentada, pois, segundo a própria Smolensky:

“Los inmigrantes que llegaron a comienzos de 1880 encontraron una ciudad convulsionada por las elecciones presidenciales entre el abogado porteño Carlos Tenedor, gobernador de la provincia partidario de su autonomía y el general Julio A. Roca, partidario de la federalización de la ciudad de Buenos Aires”
(SMOLENSKY, p. 276)

E dentro dessa disputa eleitoral e até militar, que terminou com a vitória de Roca, através de fraudes⁵, os italianos participaram dessas forças militares, comemorando quando Roca ganhou e, teoricamente, Buenos Aires tenha sido “libertada”.

Aproximadamente dois anos depois, aconteceu um dos fatos políticos mais significativos que envolveram a comunidade italiana na cidade de Buenos Aires: no bairro de La Boca, onde os imigrantes italianos possuíam uma presença muito significativa, e que, até hoje possui certa fama de ser um bairro italiano, um conflito laboral que envolvia os italianos acabou levando à proclamação da República de La Boca, que não durou muito tempo, embora não tenha provocado uma resposta mais violenta por parte do presidente Roca, o que de certa forma é surpreendente, uma vez que, se com os italianos a política dele não foi exageradamente repressiva, com os indígenas, ao contrário, vigorou a ideia de conquistas de território e extermínios, mas há de se entender uma vez que, , havia uma necessidade política de estímulo à imigração europeia, que, por mais que o desejo não fosse de imigrantes espanhóis ou italianos, mas sim, de ingleses ou franceses.

⁵Nesse período, ainda vigorava na Argentina o voto censitário, ou seja, só poderiam votar os cidadãos alfabetizados e que recebessem acima de determinada renda. Além disso, a votação não era secreta, o que permitia intimidações. Apenas em 1912, com a Lei Saenz Peña, que o voto passa a ser universal para os homens, independente da renda.

Ainda no bairro de La Boca, os italianos também formaram uma associação de bombeiros voluntários no bairro, participando, por exemplo, de festas populares, o que, a meu ver, também contribuiu para um reforço da ligação entre o bairro e a comunidade italiana, assim como existe, em São Paulo, a identificação entre o bairro do Bixiga e os italianos. Essa identificação dos italianos com o bairro de *La Boca* deve-se também à posição geográfica do bairro: localizado bem próximo ao *Río de La Plata*, ao sul da cidade de Buenos Aires, e isso, ligado com a fama dos italianos de bons navegadores facilitou, de acordo com Sarramone, a instalação dos italianos nessa região. Porém, esse não foi o único fator que levou a um grande número de imigrantes a se instalarem no bairro: O principal, na verdade, foi que, até 1870, as elites argentinas concentravam-se nos bairros ao sul da cidade de Buenos Aires, porém, após a epidemia de febre amarela que vitimou milhares de argentinos e imigrantes em 1871⁶, essas elites acabaram mudando-se para os bairros das regiões ao norte da cidade, deixando inúmeras casas vazias e desvalorizando, conseqüentemente, o preço desses imóveis.

Considerando que os imigrantes não poderiam se dar ao luxo de irem morar em regiões muito caras, até porque não tinham quase nada, em termos financeiros, a única opção dos italianos eram instalarem-se em regiões de baixo custo de alugueis, como foi o caso do bairro de La Boca. Com o tempo, o bairro acabou tornando-se um reduto por excelência dos italianos, cujo ápice, foi a proclamação da República de La Boca, conforme relatado anteriormente, e mesmo já nas primeiras décadas do século XX, com a origem dos dois grandes times de futebol argentina, o Boca Juniors e o River Plate, essa visão de bairro italiano permanecerá, sendo os torcedores do Boca denominados de '*bosteros*' pela origem humilde e 'gringa' do time. E essas, por fim, são algumas das muitas influências culturais dos italianos na cidade de Buenos Aires.

Cultura, história ,imigração e modo de vida

Agnes Heller define a vida cotidiana como sendo:

⁶Essa epidemia estava atrelada com as condições precárias de saneamento da época, e por isso vitimou grande número de imigrantes, que eram os mais vulneráveis socialmente. O Cemitério de *La Chacarita* foi construído justamente pelo elevado número de mortos pela epidemia, pois não havia mais lugares para enterros no Cemitério de *La Recoleta*.

“(...) a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico (...). A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos da sua individualidade, de sua personalidade” (HELLER, 1992, p.17).

Portanto, por mais que a individualidade por si só não explique o modo como os indivíduos atuam no mundo, assim como o habitus de Bourdieu, isto é, a estrutura estruturalizante que “induz” ou ao menos influenciam os indivíduos a atuarem de determinado modo, essa definição de Heller já é algo que, pelo menos, complementa a teoria de Pierre Bourdieu dos habitus, pois, temos por um lado a questão da subjetividade, do modo de ser dos indivíduos e por outro, a estrutura determinante, estrutura essa que também varia de acordo com uma determinada aquisição de capital cultural e capital social do sujeito.

E, se, o homem adulto, nas palavras de Agnes Heller deve possuir o domínio de manipular determinadas coisas, a assimilação disso não é de maneira individual, mas sim entre grupos menores como as famílias ou maiores como uma comunidade étnica. Isso significa que, o agir de determinada maneira considerada como correta pelo grupo, cultivar certas lembranças de uma terra distante, passa diretamente pelo aprendizado coletivo dessa maneira de agir, ou seja, os filhos ou netos de italianos não aprendiam a língua de maneira autodidata, mas sim, e ao menos até a Ley de Educación Común, em grupo, nas escolas comunitárias, e assim, ele poderá atuar no seu cotidiano de um modo que esteja de acordo com os costumes de um povo.

Ao fazer uma descrição de algumas características da vida cotidiana, tais como ultrageneralizações (p.34) ou espontaneidade (p.29) diz Heller:

“Não há vida cotidiana sem imitação. Na assimilação do sistema consuetudinário, jamais procedemos meramente “segundo preceitos”, mas imitamos os outros; sem mimese, nem o trabalho nem o intercâmbio seriam possíveis” (HELLER, 1992, p.36)

Assim como, ao falar da entonação, outra característica da vida cotidiana, a autora coloca:

“O aparecimento de um indivíduo em dado meio “dá o tom” do sujeito em questão, produz uma atmosfera tonal específica em torno dele e que continua depois a envolvê-lo” (HELLER, 1992, p.36).

Dessas duas afirmações chegamos a duas conclusões: A primeira é que, se não há uma vida cotidiana sem a imitação, e, portanto, sem que haja de alguma forma um aprendizado do que se deve – ou do que se pode- realizar, e considerando também que toda cultura insere-se em um tempo e em um espaço determinados, e, logo, manifesta-se ou pelo menos influi de alguma maneira na vida cotidiana, a cultura também não pode ocorrer sem uma imitação ou sem a reprodução do que se aprendeu, caso contrário, não haveria cultura e costumes, na pior das afirmativas, mesmo porque, conforme a autora coloca, não haveria nem sequer trabalho e intercâmbio.

Com isso, podemos entender que a ação da comunidade italiana nos mais distintos segmentos da sociedade argentina, interliga-se com o fato de que eles reproduziam constantemente o que iam aprendendo e , somando-se ao fato do grande número de imigrantes na Argentina, esses modos de agir e de sentir acabaram “propagando-se” até mesmo entre os argentinos.

Não muito dissociado dessa questão, está a questão do local de moradia dar o “tom” ao homem, e essa tonalidade acaba o envolvendo. Ora, o modo de agir dos homens na vida cotidiana não sempre será o mesmo de acordo com a realidade em que ele se insere, ou seja, algumas práticas cotidianas dos italianos em Buenos Aires poderiam ser distintas das que eles praticavam em Roma, Veneza, Calábria, enfim, na Itália, como um todo, pois, eram contextos históricos diferentes, locais diferentes e, portanto o cotidiano e o tom de cada imigrante ao agir efetivamente serão diferentes, podendo ir do mais agressivo ao mais “manso”.

Portanto, é necessário ressaltar que esse tom varia conforme o meio em que o indivíduo se encontra, não conforme o país ou outras unidades políticas, portanto, mesmo dentro da Argentina eles podem agir de maneiras totalmente diferentes em regiões centrais ou em regiões periféricas, atuarem de tal modo em um dia x, mas no mês seguinte atuarem de maneira oposta, justamente porque as condições sociais e políticas do meio onde ele se encontra mudaram radicalmente, e, portanto, a vida cotidiana transformou-se de modo significativo também, para melhor ou para o pior.

A Partir dessa ideia que a autora desenvolve, podemos voltar a compreender o porquê dos netos ou mesmo filhos de italianos não se sentirem italianos, mas sim argentinos: as transformações sociais e políticas transformaram a vida cotidiana e, aliado com fatores de aprendizado em grupo (eles tiveram uma aprendizagem nos moldes argentinos, sobretudo os nascidos após 1884), e além dos fatores subjetivos, tudo isso levaram esses descendentes a perderem os laços com a pátria de seus pais ou seus avós e se não podemos tomar isso com algo natural justamente pelo fato de que conceitos como pátria, nação e cultura não são naturais, mas, construídos socialmente em um determinado período histórico, tampouco podemos estranhar que os diversos grupos de imigrantes na Argentina ou em qualquer outro país atuem desse modo, pois, a própria identidade étnica não é uma construção exclusivamente individual e separada da vida cotidiana dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

- Braga, Mariângela Porto. *Descendentes de imigrantes italianos em Belo Horizonte eo impacto da dupla cidadania na construção da identidade Ítalo-Brasileira 1990 A 2008*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: BOURDIEU, Pierre: *Sociologia*. Org. Renato Ortiz; [tradução de Paula Monteiro e Alicia Auzmendi]. – São Paulo: Ática
- CARRETERO, Andrés. *Vida Cotidiana en Buenos Aires: desde la organización nacional hasta El gobierno de Hipólito Yrigoyen 1864-1918*- 1ª Ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ariel, 2013. 392 p.
- DEVOTO, Fernando. *Historia de los italianos en la Argentina*. Buenos Aires: Biblos, 2008.
- _____. *Historia de la inmigración en la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana: 2002.
- DONGHI, Tulio Halperin. *Proyecto y Construcción de una Nación (Argentina 1846-1880)*. Buenos Aires, 1996 [s.n].
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders* – Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Uma história dos costumes, vol. I*. 2ª ed. – Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1994.
- FAUSTO, Boris e DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: Um ensaio de história comparada (1850-2002)*. Tradução dos textos em castelhano por Sergio Molina – São Paulo: Editora 34, 2004.

- GJERGJI, Iside. *La nuova emigrazione italiana: Cause, mete e figure sociali. A cura di Iside Gjergji*. Venezia: Edizione Ca' Foscari, 2015.
- GREJO, Camila Bueno. *Carlos Octavio Bunge e José Ingenieros: entre o científico e o político: pensamento racial e identidade nacional na Argentina (1880-1920)*- São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- KLEIN, Herbert S. *A integração dos imigrantes italianos no Brasil, na Argentina e Estados Unidos*. Tradução de Rolf Traeger. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 25, p. 95-117, Outubro de 1989.
- LARAIA, Roque dos Santos. *Cultura: Um conceito antropológico* – 14ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- MOYA, José C. *Parientes y extraños: actitudes hacia los inmigrantes españoles en La Argentina en El siglo XIX y comienzos Del siglo XX. Estudios migratorios latinoamericanos*. Buenos Aires. Numero 13. Diciembre de 1989.
- SARRAMONE, Alberto. *Nuestros abuelos italianos: Inmigración italiana en La Argentina*- 1ª Ed. – Buenos Aires: Ediciones B, 2010.
- SMOLENSKY, Eleonora María. *Colonizadores Colonizados: Los italianos porteños* – 1ª ed. – Buenos Aires: Biblos, 2013.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. 1ª ed. São Paulo: UNESP, 2011.